

**UM OLHAR SOBRE A PEDAGOGIA DE LUIZ GAMA:
REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NO UNIVERSO PRÉ-ADOLESCENTE**

Jair Cardoso dos Santos¹
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Esse artigo lança um olhar sobre o pensamento de Luiz Gama no campo da Educação. Sendo fruto da diáspora africana – oriundo, portanto, das margens do tecido social – e um pensador à frente do seu tempo, o menino negro vendido pelo próprio pai se tornou autodidata, ressignificando a própria vida, tornando-se poeta, advogado, jornalista e, por afrontar os interesses dos poderosos senhores de escravos da época e sentir-se ameaçado de morte, escreveu um “ABC” para o seu filho, o pré-adolescente Benedito Graco Pinto da Gama, através do qual procura orientar o futuro caminhar do seu rebento, com estudo, leitura, ética e ousadia, servindo tal documento como instrumento de séria reflexão e estudo para crianças, adolescentes e pessoas de todas as idades.

Palavras-chave: Literatura negro-brasileira, identidade, desconstrução, ressignificação.

¹ Mestrando em Crítica Cultural (UNEB), licenciado em História e bacharel em Direito (UFBA), especialista em Educação (PUC/RJ), advogado e professor da Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias e do Ensino Médio na SEC/BA.

O homem livre, fruto da palavra que liberta

Luiz Gonzaga Pinto da Gama é personagem ímpar da história brasileira. Nasceu em Salvador, no ano de 1830 e era filho da revolucionária Luíza Mahin, negra livre que participou do Levante dos Malês e da Sabinada, ambos ocorridos na capital baiana na década de 1830, quando o pequeno Luiz tinha entre 5 e 7 anos de idade. Com o insucesso desses movimentos, a sua mãe passou a ter uma vida de perseguição e fugas, colocando, naturalmente, a sua guarda sob os cuidados do pai – um português endividado com jogos que terminou por vendê-lo como escravo, quando o pequeno tinha apenas 10 anos de idade. Seguiu-se a sua saga pelas correntezas que o levariam ao Porto de Santos e depois a uma experiência tortuosa de escravidão que durou oito anos na Província de São Paulo, até a sua alfabetização, quando o conhecimento lhe possibilitou provar a sua real condição, o *status* de ser livre e não escravo. Nesse momento, ele começou a se inventar, a esculpir o próprio edifício humano, com a mesma destreza do “Autodidata” do artista paraibano Miguel Guilherme dos Santos, obra esculpida quase um século depois da sua façanha histórica.

Segundo Lígia Fonseca Ferreira,

A partir dos dezessete anos, graças à “transgressão” de um estudante residente na casa de seu senhor que o ensina a ler e escrever, Luiz Gama, qual Prometeu, empreende sua prodigiosa conquista do saber e da palavra que lhe devolvem a liberdade e constróem o improvável destino de um ex-escravo, no Segundo Reinado: o destino de um homem “letrado” cuja voz se fez ouvir na sua cidade, na sua província e na sua nação (FERREIRA, 2011, p. 17).

A princípio contando com a proteção de homens poderosos com os quais iria se indispor mais tarde, Luiz Gama entrou em meados do século XIX no campo da literatura, cujo cânone reluta até hoje em aceitá-lo, deixando-o na margem. Ele, que foi praticamente um autodidata, como acentuado anteriormente, usou de uma dupla metáfora da cultura grega e da estética negra para afirmar a sua pertença etnicorracial no poema “Lá vai verso!”. Além de ironizar e denunciar o preconceito racial dos cânones da época, ele apresenta-se, *et urbi et orbi*, como o Orfeu de Carapinha:

Quero que o mundo me encarando veja
Um retumbante Orfeu da carapinha,
Que a Lira desprezando, por mesquinha,
Ao som da Marimba augusta.
(GAMA, 1859 *apud* FERREIRA, 2011).

Ao entrar no teatro social da arena racista e no mundo da poesia como o poeta de cabelos crespos, Luiz Gama assume de forma pioneira uma identidade negra em terras tupiniquins e, ao desprezar a “lira”, por ser “mesquinha”, o poeta faz a crítica à literatura do branco por ser ela a negação da alteridade (SILVA, 2010). Trata-se da desconstrução da própria lira estatuída pelo cânone e da exigência de uma outra literatura.

Assim, Luiz Gama entrava no mundo da palavra escrita, ressignificando a própria existência através do conhecimento. Quais argumentos orais e escritos e em qual instância ou tribunal ele teria provado a sua condição de homem livre, não se sabe, mas uma coisa é certa: ao se tornar advogado, usou a palavra, o mesmo instrumental de que se servira para tornar-se livre, tecendo a liberdade de centenas de escravizados nos fóruns da justiça paulista. A conquista da sua liberdade fora apenas a primeira prova de que o conhecimento liberta – literalmente. Homens e mulheres vindos da África na condição de escravos depois de 7 de novembro de 1831 – data da primeira lei que proibia o tráfico de humanos para o Brasil, desobedecida por traficantes e que o poder imperial e todo o seu aparato judicial faziam vistas grossas – tinham em Luiz Gama um advogado que se oferecia gratuitamente através de anúncios em jornais para devolver-lhes a liberdade. O advogado provisionado baiano soube usar com muita destreza a lei criada por pressão inglesa, exigindo do poder judiciário a liberdade de escravizados vindos d’África. Usando a palavra oral e escrita, habilmente articulada nas petições iniciais e em vários órgãos da imprensa paulista (alguns criados por ele próprio, a exemplo de *O Diabo Coxo*), e do seu poder de exegese, constrangeu juízes, exigindo o cumprimento do seu “rigoroso dever” na reforma dos despachos “fúteis”, que ignoravam a própria lei para satisfazer os interesses econômicos de membros da elite dominante; denunciava, ainda, os emperramentos de processos perpetrados por estes juízes, levando-os *ad infinitum* para prejudicar os seus sofridos clientes.

Ao afrontar publicamente senhores escravocratas e juízes na defesa dos escravizados, Luiz Gama se tornou o primeiro advogado audaz, capaz de encarar os homens do poder, quer fossem

investidos da toga ou do poder econômico (COMPARATO, 2010).

O Brasil da segunda metade do século XIX era um país racista e suas instituições acadêmicas fechavam as portas ao negro, ainda que livre, impossibilitando que este galgasse postos em profissões mais valorizadas pelo mercado de trabalho. Esse fato, aliás, foi denunciado pelo próprio GAMA (2011) no livro que escreveu (no qual ele se apresenta como o Orfeu de Carapinha), intitulado “Primeiras Trovas Burlescas de Getulino”, de 1859:

Ciências e Letras
Não são para ti[;]
Pretinho da Cost[a]
Não é gente aqui (GAMA, 2011).

Mesmo não vivendo no Brasil do século XXI, quando adolescentes e jovens negros residentes nas periferias são assassinados diariamente sem sequer os pais saberem quem são os autores de tais crimes, o Poeta de Carapinha conhecia perfeitamente o seu país e sabia quais eram as representações que a sociedade brasileira fazia de jovens negros, razão pela qual escrevera uma carta ao seu filho, educando-o para viver nesta sociedade que excluía as pessoas pela cor da sua pele.

A carta escrita ao filho, sob ameaça de morte

Dessa forma, pelos idos de 1869, tal qual o “Autodidata” do artista paraibano, a ação do advogado, jornalista, republicano, poeta e abolicionista Luiz Gama o colocava “em intensa atividade na imprensa, na política e no foro. [Firmando-se] como figura das mais populares e influentes da cidade de São Paulo” (FERREIRA, 2011, p. 26). Entretanto, tal atividade, por sua própria natureza, chocava-se frontalmente com os interesses da classe senhoril da qual tornou-se conhecido, temido, odiado e perseguido, sofrendo reiteradas ameaças de morte. Foi em um desses momentos, em 23 de setembro de 1870, pressentindo que a sua hora final poderia ter chegado, que Luiz Gama escreveu uma carta ao seu filho, Benedito Graco Pinto da Gama, garoto que àquela época possuía 11 anos de idade.

Cada sentença desse texto breve, porém com conteúdo de extraordinária densidade, merece reflexão, já que se trata de um verdadeiro testamento moral e espiritual, na medida em que Luiz Gama busca deixar o melhor de si em função de seu especial destinatário (FERREIRA, 2011, p. 186).

A preocupação em deixar um filho ainda em tenra idade sem os cuidados, conselhos e orientações do pai o compelira a escrever a carta, sendo esta um “ABC” comportamental. Trata-se de um poderoso manual educacional deixado por alguém que preocupa-se em educar para a vida, orientando o futuro caminhar do seu rebento com ousadia, leitura e estudo, servindo tal documento como instrumento de séria reflexão e estudo para crianças, adolescentes e pessoas de todas as idades.

Eis a carta, escrita em 1870:

Dize a tua mãe que a ela cabe o rigoroso dever de conservar-se honesta e honrada; que não se atemorize da extrema pobreza que lego-lhe, porque a miséria é o mais brilhante apanágio da virtude.

Tu evita e a amizade e as relações dos grandes homens; porque eles são como o oceano que aproxima-se das costas para corroer os penedos.

Sê republicano, como o foi o Homem-Cristo. Faze-te artista; crê, porém, que o estudo é o melhor entretenimento, e o livro o melhor amigo.

Faze-te apóstolo do ensino, desde já. Combate com ardor o trono, a indigência e a ignorância. Trabalha por ti e com esforço inquebrantável para que este país em que nascemos, sem rei e sem escravos, se chame Estados Unidos do Brasil.

Sê cristão e filósofo; crê unicamente na autoridade da razão, e não te alies jamais a seita alguma religiosa.. Deus revela-se tão somente na razão do homem, não existe em Igreja alguma do mundo.

Há dois livros cuja leitura recomendo-te: a Bíblia Sagrada e a Vida de Jesus por Ernesto Renan.

Trabalha e sê perseverante.

Lembra-te que escrevi estas linhas em momento supremo, sob a ameaça de assassinato. Tem compaixão de teus inimigos, como eu compadeço-me da sorte dos meus.

Teu pai

Luiz Gama

(FERREIRA, 2011, p. 193).

Lições de ética e de grandeza de espírito do ‘professor’ Luiz Gama

Observa-se que mesmo naquele momento que ele considerara talvez como o seu último, Luiz Gama não eximiu-se da sua função educativa, voltando-se para o seu rebento, inicialmente enviando um recado para a sua esposa, a negra Claudina Fortunata Sampaio, recomendando que esta se mantivesse rigorosamente submetida aos princípios da honradez e da honestidade. Apesar de ser advogado, Luiz Gama não era homem de posses e sua maior riqueza era a dignidade e o devotamento às causas da liberdade alheia; e a maneira simplória como que vivia o convidava mais uma vez a pedir ao filho que dissesse à sua mãe que a pobreza não era um demérito, mas o maior e mais importante atributo da virtude. Em verdade, Luiz Gama não estava mandando recomendações apenas para a mãe do pequeno Benedito, uma mulher adulta e que bem conhecia a sobriedade e os limites financeiros do seu esposo, homem acostumado a muito trabalho e pouca recompensa financeira e que guardava o pouco dinheiro que sobrava da parca manutenção da família para dar aos milhares de negros e negras pobres que o procuravam diária e diuturnamente; estes, quando não vinham com um pedido de alforria, vinham pedindo dinheiro para matar a fome ou saciar outra necessidade básica ou, simplesmente, pedindo uma palavra de conforto.

Estes primeiros conselhos pedagógicos insculpidos na carta são também dirigidos para o pequeno Benedito que, na medida em que os seguiria, também policiaria e cobraria da sua genitora o seu cumprimento de forma absolutamente rigorosa. Parece ser essa a intenção de Luiz Gama que, mais adiante pontua: *“Trabalha e sê perseverante”*. O que mais se poderia esperar do filho que trabalha e conserva-se firme e constante nos seus propósitos, senão que tivesse uma postura de pessoa honrada e honesta?

Ao contrário de boa parte dos pais, que delegam à escola a educação dos seus filhos, esquecendo-se que os primeiros professores das crianças são seus pais, Luiz Gama escreve a carta, como quem tece um ABC, um manual educacional recomendando condutas pedagógicas e éticas, imprescindíveis à sábia sobrevivência do seu filho. Trata-se de uma carta educacional. São princípios de educação formal, política, religiosa, moral, jurídica e ética.

O princípio ético e jurídico de igualdade de todos perante a lei (igualdade formal) é proclamado em alto e bom som na carta através da expressão “sem escravos”, em referência ao país sonhado pelo abolicionista baiano, onde todos fossem iguais sob o aspecto legal, como condição *sine qua non* para a igualdade material/substancial.

Note-se, aliás, que Luiz Gama tinha um olhar especial para a educação e, particularmente, para a educação de ex-escravizados e de seus filhos, vendo nelas a condição para a conquista dessa igualdade material. No ano anterior à escrita da carta pedagógica ao pequeno Benedito, “sob os auspícios da Loja América, os ‘professores’ Luiz Gama e Olímpio da Paixão inauguram, em junho, uma escola gratuita para crianças e um curso primário noturno para adultos na Rua 25 de Março” (FERREIRA, 2011, p. 26).

Luiz Gama foi um dos artífices da busca prática pela igualdade de oportunidades pelo viés educacional. Tendo vivido na própria pele a dupla experiência de escravizado e homem livre; analfabeto e letrado; sendo fruto e exemplo do conhecimento que ressignifica a vida, ele via na educação o viés que conduziria o negro à igualdade material. É instigador investigar qual teria sido o papel de Luiz Gama na criação, manutenção e funcionamento dessas escolas e, no bojo dessa investigação, verificar se essas instituições educacionais possuíam um caráter de ação afirmativa e se possuiriam elas uma orientação de identidade étnica. Seria Luiz Gama um verbalizador preocupado com a igualdade material, exigindo igualdade de condições de oportunidades para os negros libertos e, dessa forma, teria se antecipado em mais de um século ao conceito de igualdade insculpido no Estatuto da Igualdade Racial, promulgado no século XXI? Teria sido esse expoente do Atlântico Negro (GILROY, 2001) o primeiro no lado de cá do Oceano Atlântico a interpretar o princípio da igualdade no seu aspecto material?

O estímulo à leitura: “... o livro o melhor amigo”

No manual educacional escrito ao filho, Luiz recomenda a este: “Faze-te apóstolo do ensino”, fazendo uma referência à educação como uma missão salvadora. Os apóstolos foram os 12 homens escolhidos por Jesus para levarem a sua doutrina aos quatro cantos do mundo. Estaria Luiz Gama sugerindo ao filho que se tornasse um educador, um propagador das ideias

educacionais, com o mesmo denodo que os apóstolos de Jesus o fizeram na propagação do evangelho?

Na esteira dessa ideia, o Poeta de Carapinha revela uma absoluta intimidade com a palavra escrita e define o livro como “o melhor amigo”. Intimidade essa que o tirou da condição de mercadoria, de peça sem qualquer personalidade jurídica ou, na melhor das hipóteses, de pessoa que entra pela porta dos fundos, para alçá-lo à condição de renomado e temido advogado, homem por excelência que sabe abrir e entrar pelas portas da frente... Quem mais do que ele pôde utilizar-se da palavra trazida pelos livros para dar um giro de 360 graus na própria trajetória de pessoa livre que o pai transformou em escravo e depois voltou a ser livre? Assim, é com a mais absoluta propriedade que Luiz Gama ensina ao seu filho e aos filhos de todas as gerações que o livro é o melhor amigo, a melhor companhia para todos os momentos.

Arelada a essa ideia sobre o livro, Luiz Gama ensina também que a melhor diversão é o estudo: “Faze-te artista; crê, porém, que o estudo é o melhor entretenimento”. Aqui há a associação feita – inclusive até nos dias atuais, conforme se observa da realização de espetáculos teatrais e circenses por artistas – entre arte e entretenimento. Entender-se-á na expressão “entretenimento”, arte. Como o autor da carta informa, logo a seguir, que “o estudo é o melhor entretenimento”, logo, o professor Gama eleva o estudo à melhor das artes. Qualquer forma de arte e de entretenimento são coisas prazerosas, da qual a alma se encanta e se alegra. Assim, o estudo na visão de Luiz Gama é encarado dessa forma – como sinônimo, por excelência, de prazer e deleite para o espírito. O descobrir do mundo das palavras, dos fatos que marcaram a saga da humanidade, das paisagens naturais e humanas, dos segredos dos mares e oceanos, do nosso próprio corpo, dos nossos parceiros no planeta... haja prazer nessa esfera da arte das artes!

Educação para a vida: cuidado com a amizade dos poderosos

A vida de Luiz Gama, da infância até chegar à maturidade, foi marcada pela traição de homens que possuíam dinheiro e/ou poder. Esses homens de dinheiro e poder representaram na vida de Gama um verdadeiro oceano de maldades, corroedor de penhascos, como ele afirma na carta

escrita ao filho. A começar por seu pai – que ele negava-se a revelar o nome, conforme revelara ao amigo Lúcio de Mendonça, em 25 de julho de 1880:

Meu pai, não ousou afirmar que fosse branco, porque tais afirmativas, neste país, constituem grave perigo perante a verdade, no que concerne à melindrosa presunção das cores humanas: era fidalgo e pertencia a uma das principais famílias da Bahia de origem portuguesa. Devo poupar à sua infeliz memória uma injúria dolorosa, e o faço ocultando o seu nome.

Ele foi rico; e nesse tempo, muito extremoso para mim: criou-me em seus braços (...). Era apaixonado pela diversão da pesca e da caça; muito apreciador de bons cavalos; jogava bem as armas, e muito melhor de baralho, amava as súcias e os divertimentos: esbanjou uma boa herança, obtida de uma tia, em 1836; e reduzido à pobreza extrema, a 10 de novembro de 1840, em companhia de Luiz Cândido Quintela, vendeu-me como seu escravo, a bordo do patacho “Saraiva” (FERREIRA, 2011, p. 200).

Conforme se pode observar, a primeira e mais cruel punhalada desferida contra Luiz Gama veio quando este era ainda uma criança e exatamente por quem tinha a obrigação de amar, zelar e prover o seu futuro: o seu próprio pai: homem rico, que tornara-se pobre de bolso e de dignidade, a ponto de vender o próprio filho como escravo! Não consta que o pai endividado o tenha procurado depois para tirá-lo do cativo e é bem provável que esta criança tenha esperado por isso em todas as manhãs de sua infância e adolescência, até perder em definitivo a inocência.

Posteriormente, Luiz Gama, lá pelos idos de 1869, já homem maduro, é traído por seu ex-protetor, o Chefe de Polícia Furtado de Mendonça e demitido do seu cargo na Secretaria de Polícia, por defender escravizados contra os “crimes da justiça”, ou seja, perpetrados pela própria instituição que deveria zelar pelo fiel cumprimento da lei. Os bandidos togados, aos quais a ex-ministra do STJ, Eliana Calmon, fez referência recentemente, desde sempre existiram e existem nas varas e tribunais do Brasil. Também a esses, certamente, Luiz Gama se referia quando reportava-se de forma metafórica aos oceanos.

Assim, de maneira bastante pedagógica, fazendo uma metáfora filosófica e poética ao afirmar que essas relações “amistosas” com os poderosos “*são como o oceano que aproxima-se das costas para corroer os penedos*”, Luiz Gama admoesta o seu filho, preparando-o para a vida, pedindo

que se afastasse dos ricos e poderosos, de quem ele, por experiência própria, desconfiava sobremaneira.

Educação religiosa: “Crê unicamente na autoridade da razão”

A atual Constituição brasileira, promulgada em 1988 e chamada por muitos de “Constituição Cidadã”, estabelece a disciplina ensino religioso, de matrícula facultativa. Mesmo vivendo em um estado constitucionalmente laico, onde existe uma pluralidade religiosa muito grande, sabe-se que um número considerável de professores dessa disciplina fazem proselitismo, ensinando o seu catecismo e pregando as suas próprias convicções religiosas. O Brasil da época de Luiz Gama vivia sob a égide da Constituição de 1824, que estabelecia um regime monárquico hereditário e cuja religião oficial era a católica. O “ABC” de Luiz Gama contraria essa orientação constitucional: “Não te alies jamais a seita alguma religiosa”. Nem catolicismo, nem protestantismo, mas “sê cristão”, dizia a pedagogia religiosa de Luís Gama. Interessante notar que a influência da mãe, Luíza Mahin, parece ter sido grande na vida de Luiz Gama. Ela participou da revolta de escravizados muçulmanos na Bahia em 1835. Seria ela muçulmana? Teria ela influenciado o anticlericalismo do filho, que fazia sérias e contundentes críticas à hierarquia da Igreja de Roma? Mas é importante frisar que, ao ensinar: “Sê cristão”, Luiz Gama apenas ratificava o seu pensamento anterior de não pertença aos quadros de instituições religiosas. Note-se, aliás, que no mesmo parágrafo em que o pensador reverbera as suas ideias religiosas, ele exorta: “Crê unicamente na autoridade da razão”. É interessante salientar, nesse sentido, que o pensador recomenda a leitura de dois livros: a Bíblia e Vida de Jesus, um livro do filósofo francês Ernest Renan, revelando que ele não ensinava a doutrina católica imposta pelo cânone hegemônico, mas a dosagem entre fé e razão. A sua idéia de Deus era outra, diferente daquele pensamento de verdade única imposto pela Igreja Católica. E o “Homem Cristo” na concepção de Gama, se aproxima muito mais do Jesus do filme franco-suíço “Je vous salue Marie” (do cineasta Jean-Luc Godard) do que do Jesus pregado pelas igrejas cristãs, conforme observa-se da frase: “sê republicano, como o foi o Homem Cristo”. República para o professor Luiz Gama era sinônimo de abolição da escravidão, de libertação do corpo, e Jesus, na sua concepção, era político, tomava parte e posição diante das injustiças praticadas pelo gênero humano.

Luiz Gama conclui a sua breve carta lembrando ao pequeno negro Benedito que não esquecesse essas lições porque elas estavam sendo ditas em um momento de perigo de vida e ele não queria partir sem dizê-las, por serem elas da mais extrema relevância para a sua educação e condução da sua vida na sociedade brasileira, na qual o racismo possuía profundas raízes. E, como se estivesse em uma despedida ao som triste de uma banda de pífanos, conclui sugerindo ao filho que tivesse compaixão dos seus inimigos, em mais um gesto educativo (e de grandeza d'alma) de alguém que saía de casa sem saber se os seus algozes o deixariam voltar vivo.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de carapinha**. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CAMPANHOLE, Adriano. **Constituições do Brasil**. São Paulo: Editora Atlas, 1989.
- COMPARATO, Fábio Konder. Luiz Gama, Advogado Emérito. In: **Revista do Instituto dos Advogados Brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2010, nº 97.
- FERREIRA, Fonseca Ligia. **Com a palavra, Luiz Gama**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.
- GAMA, Luís. **Primeiras trovas burlescas de Getulino**. Salvador: P55 Edições, 2011.
- GILROY, Paul. “Uma história para não se levar adiante”: a memória viva e o sublime escravo. In: **Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- SILVA, Luiz. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- TELLES, Edward Eric. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Dumará, 2003.